



Resenha: Apresentação do livro de Jorge Cruz “Que médicos queremos?”
Book Review: Presentation of Jorge Cruz’s Book “Which Doctors Do We Want?”

Reseña: Presentación del libro de Jorge Cruz ¿Qué médicos queremos?

José Henrique Silveira de BRITO¹

RECEBIDO: 19.05.2014
APROVADO: 09.06.2014

Até o século XVII as pessoas cultas tinham um domínio dos diversos saberes que ia da Filosofia e Teologia a todas as ciências. Homens como Platão, Aristóteles, Averróis, Tomás de Aquino e mesmos os pensadores da escolástica tardia espanhola, por exemplo Francisco de Vitoria, Francisco Suárez, e, em geral, os pensadores da Escola de Salamanca, discutiam todas as matérias porque dominavam todo o saber, Filosofia, Teologia, Direito, Economia, Política, etc. Nesses tempos não havia a distinção entre letras e ciências e, por isso, no início da Idade Moderna, Descartes tanto estudava anatomia como discutia os problemas mais intrincados de Filosofia e Teologia.

O último grande espírito enciclopédico, no genuíno sentido do termo, foi Blaise Pascal. Dominava as ciências, quer as hoje chamadas ciências formais, como a Matemática, quer as empírico-formais, como a Física, quer as questões filosóficas e teológicas. No século XVIII já não encontramos intelectuais tão enciclopédicos, embora tenhamos que reconhecer que os grandes filósofos, os que deixaram obra verdadeiramente importante para a História da Filosofia, sabiam imenso de ciências, como foi o caso de Immanuel Kant, professor em Königsberg, que, sendo filósofo, também ensinava a Física de Newton.

¹ Professor Associado com Agregação na Universidade Católica Portuguesa (Braga). Doutorado em Filosofia. E-mail: sbrito@braga.ucp.pt.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinae* 2 (2014/1).
Os Fundamentos da Bioética
The Foundations of Bioethics
Los Fundamentos de la Bioética

Jan-Jun 2014/ISSN 1676-5818

A separação entre letras e ciências, iniciada nos séculos XVII e XVIII, foi extremamente empobrecedora para as duas áreas. E o que se verificou na evolução do conhecimento foi que a lógica que preside à evolução das ciências, sendo de uma natureza muito própria – é um pensamento que assume uma racionalidade científica, isto é técnico-experimental, axiologicamente neutra – permitiu um avanço imenso neste tipo de conhecimentos. Unanimemente consideramos que sabemos hoje muitíssimo mais que há 50 anos e enormemente mais do que há dois séculos.

Pelo contrário em Filosofia – pensamento que procura o sentido e a razão de ser do que se pensa e faz –, o progresso não é evidente e, como escreveu Karl Jaspers, médico e filósofo alemão, no seu livro *Iniciação Filosófica*, não sabemos se estamos mais adiantados ou mais atrasados do que Platão ou Aristóteles, o que origina a grande tentação de importar para a Filosofia o tipo de raciocínio das ciências, na esperança enganadora de assim se alcançar um pensamento mais seguro de si e que progrida.

Esta distinção entre letras e ciências teve implicações na preparação dos médicos e outros profissionais de saúde. A investigação e o ensino da medicina centraram-se na doença e acabou por se perder um pouco de vista a pessoa doente, e isto de um modo especial com os progressos verificados na segunda parte do século passado. Dantes os meios de diagnóstico e a capacidade de tratamento de que a medicina dispunha eram reduzidos.

A prática profissional exigia olhar o doente, ler nele os sinais e esse olhar evitava, porventura, que a atenção se concentrasse apenas na doença. Hoje, o recurso à parafernália de meios auxiliares de diagnóstico à disposição, leva os médicos a lerem atentamente análises, relatórios baseados em dados obtidos por meios que a tecnologia pôs à disposição, o que muitas vezes tem como consequência que o doente/utente enquanto pessoa, fica um pouco esquecido, se não mesmo ignorado. Temos aqui, provavelmente, a principal causa da desumanização dos cuidados de saúde: olha-se para as doenças e seus sintomas e esquecem-se os doentes.

Em meu entender, a primeira grande virtude do livro do Doutor Jorge Cruz, é que, na companhia de Edmund Pellegrino, mostra como não se pode separar a prática da Medicina do estudo da Filosofia, isto é da reflexão filosófica sobre *o sentido do humano*, humano de que faz parte a Medicina. Só se pode exercer Medicina digna desse nome se temos uma Filosofia da Medicina. Durante os seus estudos de Medicina, Pellegrino estudou, durante quatro anos, Filosofia e Teologia, matérias que faziam parte do programa de licenciatura, o que o preparou de um modo privilegiado para o estudo e exercício da Medicina. Sem uma antropologia filosófica como referência última do



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicina 2 (2014/1)*.
Os Fundamentos da Bioética
The Foundations of Bioethics
Los Fundamentos de la Bioética

Jan-Jun 2014/ISSN 1676-5818

agir, não se exerce medicina digna desse nome, porque esta deve estar ao serviço do ser humano. Se não sabemos o que é o ser humano, questão filosófica, como podemos tratá-lo? Como disse o Professor Abel Salazar: “O médico que só sabe medicina, nem medicina sabe!”

A segunda grande virtude do livro é ser uma reflexão profunda sobre a ética dos profissionais da saúde. O autor não se fica, como acontece em muita Bioética que se ensina nas nossas escolas de medicina, por enunciar princípios éticos. Dão-se cursos intermináveis sobre os quatro princípios que devem estar presentes na relação médico/ doente-utente – autonomia, beneficência, não-maleficência e justiça –, discutem-se os conflitos que podem surgir na aplicação desses princípios, mas esquece-se o fundamental: os princípios têm que ser vividos e não apenas estudados. Como já dizia Aristóteles: em Ética não chega saber; em Ética deve-se saber para viver. Diz-se que os princípios devem ser respeitados, porque só assim se respeita a dignidade humana, valor que deve pautar a actividade clínica.

Mas a vivência dos valores significa a sua interiorização, significa adquirir aquelas qualidades de carácter que levam o ser humano à procura habitual do bem; isto é, numa linguagem rigorosa, mas que hoje fere alguns ouvidos, na sua vivência o profissional deve praticar habitualmente o bem, isto é, deve ser virtuoso. As grandes declarações de princípios só têm interesse se forem levadas à prática e praticar os grandes princípios é, na linha já defendida por Aristóteles, na sua *Ética a Nicómaco*, praticar a *areté*, termo grego que significa virtude. Praticar as virtudes é praticar as excelências que distinguem, no ser humano, aquele que procura caminhar para a perfeição, daquele que não a procura.

E o que o Doutor Jorge Cruz faz no seu livro é apresentar uma bioética das virtudes, bioética essa indispensável para que a actividade do profissional de saúde não perca o sentido do humano, para que a actividade clínica não degenere numa actividade mercantil, embora também não se possa esquecer a dimensão económica que também tem e o prestígio social que dá.

Em síntese, hoje a actividade profissional dos médicos corre dois riscos: ser dominada por um neopositivismo que tudo sacrifica no altar da ciência, ou reduzir-se a mero mercantilismo, reduzindo a ser humano ao *homo oeconomicus*.

O livro do Doutor Jorge Cruz leva-nos a descobrir que a actividade médica é humana: pauta-se pela vivência da dignidade humana, dignidade humana dos que tratam e dos que são tratados. Se a leitura do livro *Que médicos queremos?* levar os profissionais de



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicina 2 (2014/1)*.
Os Fundamentos da Bioética
The Foundations of Bioethics
Los Fundamentos de la Bioética

Jan-Jun 2014/ISSN 1676-5818

saúde a viverem os valores humanos próprios dos profissionais de saúde, este livro, em minha opinião, terá feito tanto pela medicina portuguesa como todo o desenvolvimento técnico-científico que a tem acompanhado. Por tudo o que acabo de dizer, considero importantíssimo que os médicos, e os profissionais de saúde em geral, leiam este excelente livro.